



A BORBOLETA.



A Borboleta adejando
Por toda a extensidade,
Promette aos seus leitores
Dizer sempre a verdade.



Em nossos tóscos escriptos
Guardaremos regras boas,
Que é dos vícios fallar
Sem nomear as pessoas.



Publica-se aos Domingos, e subscreve-se a 500 rs. por 4 numeros (pagos adiantados) na typographia de Peixoto & Leite, rua nova do Ouvidor n. 9.

A BORBOLETA

Fantazia.

(Continuação do n. 10.)

A Ficção tornou-se uma realidade. Sou feliz, meu anjo!

Feliz porque te vejo; porque te fallo; por que ouço a harmonia de tua voz; porque sinto o teu delicado peito apertado contra o meu; porque sinto a tua cabeça reclinada sobre o meu hombro, e os teus cabellos trançados pela aragem da noite, a me acariciarem as faces.

Cem vezes feliz; porque te encontro tão bella, como te concebi nos meus arroubados e sublimes delirios; candida como o lírio dos valles; innocente como a infancia; fagueira e pura como as auras matutinas; terna, meiga e carinhosa como o foi minha mãe! Feliz, por que me pagas os beijos com sorrisos virginaes, porque vejo de teus olhos amortecidos voluptuosamente deslizar-se essa lagrima preta de mysterios de lembranças e de prazeres.

E mil vezes feliz porque te amo; porque te adoro com toda força de uma primeira paixão, que não murcha; que gravado no coração só acaba com a existencia!

FOLHETIM.

FREDERICO

ou

O ORPHÃO D'ALDEA.

Por ***

(Continuação do n. 10.)

IX.

Jorge e Maria.

Passou-se longo tempo sem que Paulo recebesse noticias de Frederico, até que finalmente adoeceu de uma enfermidade, da qual morreu!

Margarida não pôde sobreviver a seu esposo; pois d'ahi a poucos mezes tambem morreu!

Maria ficou isolada no mundo, e muitas vezes rogava a Deos que acabasse tambem com a sua existencia, visto ter perdido seus pais; porém, lembrando-

se de seu amante, nutria a doce esperanza de algum dia encontra-lo; e então exclamava:

— Não, meu Deos, papai-me, papai-me para elle!

Maria, depois da morte de seus pais, foi para casa de uma velha, a qual lhe dava muitos más tratos, e como Maria não estava acostumada com certos serviços, muito sentia; e só vivia carpindo a morte de seus pais, e a perda de seu amante.

Finalmente, vio-se tão perseguida por essa maldita velha, que tencionou retirar-se de sua companhia; e um dia, apenas rompeu a aurora, juntou alguma roupa, e sahio dessa casa onde tanto soffria, com intenção de dirigir-se á cidade e procurar seu amante.

Maria foi caminhando ao acaso, porque não sabia o caminho, até que encontra uma encruzilhada; fica indecisa sem saber por onde devia seguir, até que resolveo-se a seguir por um delles.

Porém, ah! pobre Maria! quanto mais andava,

Em ti se resume—para mim—a natureza! Tu és a minha família, a minha patria, o encanto de meus dias, a minha unica ambição, o meu anjo da guarda, o meu unico bem, o meu primeiro e unico amor!

Tu me fizeste gozar emoções nunca sentidas: tu me fizeste conhecer a felicidade aqui na terra!..

Mas!... que sentimento de terror subitamente se apodera da minha alma?!..

Idolo do meu coração! morramos!.. não ha estabilidade nas cousas deste mundo!..

O paraizo em que nos achamos, é a candida nuvemzinha—divagando no espaço infinito e que a tempestade desfaz com um sopro!..

Que lembrança cruel me veio despertar do meu extasi amoroso!..

Escuta,

A's côres purpurinas d'aurora succedeu-se o rei dos astros com os seus scintillantes raios, que ao correr das horas pouco a pouco se vão enfraquecendo, até extinguirem-se de todo nas aguas do oceano...

Depois se lhe succede a noite melancolica, com o seu véo azul-ferrete, recamado de estrelas de prata, e tambem com o seu astro saudoso, que estampa a face no movel chrystal dos lagos...

E nem sempre o dia é bello; e nem sempre a noite é tranquilla!..

A' serenidade e placidez da natureza quan-

julgando estar seguindo para a cidade, mais della se apartava! pois tinha seguido por outro caminho.

Quando Maria conheceu que estava perdida, já era quasi noite; estava cansada e com fome, e não tinha onde descansar e comer, pois vio-se no meio dos matos! Então a pobre joven derramava copiosas lagrimas e supplicava:

— Meu Deos, tendo compaixão de mim!

Finalmente, a noite a surpreendeu, e Maria fica quasi gelada de medo, por se ver isolada nos matos; qualquer rumor que ouvia lhe parecia que era uma fera que a vinha devorar.

Depois de muito ter andado ao acaso, para, olha para todos os lados, e vê a pouca distancia uma pequena cabana que tinha luz dentro; dirige-se para lá com tremulos passos, chega á porta, respira e bate.

— Entre quem é, diz-lhe uma voz forte.

Macia empurrou a porta e entrou, porém ficou ainda mais aterrada do que estava nos matos, por

tas vezes si não succede a terrivel luta dos elementos?...

As arvores e as flôres brotão do seio da terra á recrear-nos a vista com as suas formas encantadoras, com os seus fructos e vistosas côres, e á deleitar-nos o olfato com suaves e gratos aromas... e depois?..

(Continúa).

G.

As duas vizinhas.

— Truz... truz... truz!.. Com effeito, já tenho os dedos doidos de bater sobre os caixilhos da vidraça! E esta?... Parece que está surda a minha boa Joanninha! Ha uma hora que aqui bato, e ainda não respondeo-me... Joanninha?... O' Joanninha?..

— Aqui estou meu amorzinho. Pego que me desculpe a demora, porque bem sabe...

— Não gosto de desculpas, você, entretida talvez com os afazeres do *primo*, esqueceu-se de que temos de obrigação palestrar todos os domingos, e deixa-me assim ralar os dedos sobre os caixilhos da sua vidraça!

— Oh, meu Deos! Como interpreta mal as cousas: eis ali porque dizem que as mulheres são umas *linguarudas*, *mexiriqueiras*, *intrigantes*, etc., etc.; por estas e outras! A minha demora não foi ocasionada

ver immensas espadas, pistolas e outras armas, penduradas nas paredes; no meio da casa estava uma mesa junto á qual estava um homem escrevendo, com as costas voltadas para a porta, o qual, vendo que ninguem lho fallava, voltou-se para ver quem era. e vendo Maria, disse:

— O' lá! uma rapa iga por estas alturas! Depois disse consigo:

— Quem sabe se não é algum espião desfarçado? vejamos. E pegando na luz foi reconhecer.

Maria, apenas reconhece esse homem, cabe de joelhos, exclamando:

— Meu Deos, soccorrei-me!

Esse homem era Jorge! que ali habitava com seu bando infame, do qual elle era chefe; e apenas reconheceu tambem Maria, disse-lhe com voz de fazer tremer:

(Continúa).

por áfazeres do *primo*, pelo contrario, gosto de apreciar o seu trabalho, isto é, a leitura de suas amorosas cartas á noite. Logo não é elle o culpado, mas sim um maldicto vestido, que tenho desmanchado já duas vezes, e que jurei de vestil-o hoje sem falta.

— Pelo que ouço tem de vestir em todos os domingos um vestido novo; não é assim?..

— Não; nem tanto assim. E' unicamente para o fogo artificial que ha hoje no campo, dado pela Irmandade do Divino Espirito Santo da Freguezia de Sant' Anna.

— Sim? vai hoje ao fogo e vêr as barracas, etc., etc.; pois olhe, lá nos havemos de encontrar. A companhia do Snr. Bartholomeu, vai em um progresso extraordinario: assistimos na terça feira os seus trabalhos e gostamos muito. As duas JOVENS BRASILEIRAS, de idade de seis á sete annos, pouco mais ou menos, deixarão-nos inteiramente admiradas! Conceda-lhes o Céu um futuro risonho e cheio de felicidades, para que algum dia possa colher d'entre nós, a corôa immurchavel da gloria.

— Pois bem, então iremos juntas, *Mariquinhas*.

— Vou fazer por ser boa cavalleira; pedi-rei outra vez a papai; direi que é um fogo ainda não visto, e finalmente concluirei por entrar nas barracas. E' bastante caro pagar-se 10 \$ rs. por um camarote no circo; bem sei: mas o que ha de fazer-se.

Os divertimentos em nossa terra são sómente para os ricos e estes mesmos não se lembrão do Espirito Santo, nem mesmo de barracas, logo a concurrencia é dos pequenos (na figura da classe), pois têm os corações maiores que todo o universo, e são com esses que os barraqueiros enchem o *papo*!

Aconselharei então a papai que nos leve para as varandas, embora se ande aos empurros e aos pontapés quando ha enchente! Lá por isso não darei o cavaco, porque *o que é de gosto regala a vida*. E na verdade os bons dos homens têm razão, porque dizem elles: «*Tudo o meio de haver dinheiro é licito*!» Quem não estiver por isso que não entre! Apoiado! Muito bem! Concordo com elles!...

— E se seu papai não estiver por isso! sahiremos das varandas sem ver o espectáculo?

— E se fizermos tal cousa não seremos nós as primeiras, porque nós não nos queixamos a ninguém; e guardaremos o écho da nossa

trombeta para repercutir como a do anjo do dia de juizo.

— A proposito de juizo, e o fim do mundo?!

— Não fallemos n'isso por hoje, e sim nas barracas, porque se morreremos....

— Sim, vá fallar ao velho, ao mesmo tempo que eu vou acabar o vestido, e até ás sete horas, se puder colher a licença. Adeos.

POESIAS.

Solidão.

Solidão dá lenitivo

A' dôr que punge meu peito 2

(Do Actor).

Desde a hora em que nasci
Me persegue austero fado;
Não tenho um prazer sequer,
Vivo na dôr engolfado.

Amei.... esse amor tão casto
Transformou o meu viver,
Perdi tudo.... té amante...
Meu desejo é pois morrer!

Infeliz.... que fazer posso
Neste mundo de traição?!
Vou habitar lá nas selvas,
Vou viver na solidão!

Supportando a forte angustia,
Que me rala o coração;
Vou resignado buscar
Remedio na solidão.

Solidão, és minha amiga,
Só quero viver contigo;
Solidão, tu és meu balsamo,
Solidão és meu abrigo!

J. R. Proença.

Receitas que applicadas a tempo devem produzir effeito.

P'ra os filhos que desobedecerem,
Ameaçando a seus pais
Imperiaes....

P'ra os que gostarem do lucro,

Que bem dá certo baralho,
Vergalho.

P'ra os meninos que, ao nascerem,
Quizerem ter namoradas,
Palmadas.

P'ra doutor que malar alguém
Com suas curas erradas,
Cacetadas.

P'ra todo aquelle que, á custa
Dos outros, encher o papo,
Sopapo.

P'ra mulheres que ao marido enganrem,
Fazendo-se ao depois de nova,
Sova.

P'ra aquelle que improvisar-se,
Por ter dois contos de rés
Pontapés

P'ra moça que passar o dia
Na janella pentea-la,
Vassorada.

P'ra o menino que viver
Ocioso, por chalaça,
Praça.

P'ra o sujeito que a todos
Quizer mostrar valentia,
Sangria.

P'ra toda a moça que for
De mil flatos atacada,
Bengalada.

P'ra a linguinha que gostar
De manejar uma intriga,
Ortiga.

P'ra velhas que queirão ser
Inda moças e formosas,
Ventosas.

P'ra o h. poerita que se metter
Das igrejas nas funções,
Canellões.

P'ra o Janocha que não trabalhar,
Só para ter mão delicada,
Inchada.

P'ra o pobre que recusar,
A esmola de rosca ou pão,
Detenção.

Dr. Zé-zé

Poesia de um marujo a sua —Ella.—

Marilia, quando á bordo
Do teus encantos eu vivo,
O leme de meu coração
Sente grande lenitivo!

Passa o cabo d'alegria
No moitão da flicidade,
E fazem reinar em meu peito
O joannete d'amizade!

Tambem quando por acaso
Me dás um beijo, ah! Marilia!
Fazes o mor de meu peito
Reinar em pobre calmaria!

O mastro e vella d'amizade,
Que eu te consagro, então
Fazem no convéz do prazer
Eu ir da prôa ao purão!

As ondas do meu amor
Vão á praia d'alegria,
E a maré da ventura
Enche de dia em dia!

Porém quando tu, Marilia,
A Ré de teu coração
Dás á costa a teus agraços,
Sinto ressaca de paixão.

Fundêa logo em peito
A ancora da desventura,
E na gavia de meus olhos
Riso as lagrimas d'amargura!

Fico nadando em ciume,
E afoga-meno furor,
Por deixares ir ao fundo
A carga do teu amor!

Tambem grande tempestade
Sinto no meu coração,
E o relampago de meu peito,
Já m'annuncia trovão!

O barco da esperanza,
O rumo d'alegria
E os marinheiros do amor,
Vão a pique n'agonia!

M.

A charada do numero antecedente é Luiza.